

***A performance* como recurso poético**

Ana Erica Reis da SILVA

Mestranda em Letras e Linguística – Programa de Pós-Graduação Faculdade de Letras – UFG/ CAPES- REUNI anaerica86@gmail.com

Jamesson BUARQUE

Prof. Dr. Orientador: Faculdade de Letras - UFG jamessonbuarque@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE

Performance; inter-relacionamento; corpo; poema.

INTRODUÇÃO

Na inter-relação com a poesia, a *performance* passa a ser entendida como um recurso que pode sugerir tanto um modo de leitura quanto de escrita, o que de certo modo consente ao leitor uma aproximação com o texto poético, ao entrar no jogo que está implicitamente proposto, e que é mediado por um viés performático. Baseando-nos nesses apontamentos, investigamos de que modo a *performance* constitui um recurso na poesia, para isso, utilizamos como *corpus* alguns poemas de Manuel Bandeira e Paulo Leminski. Assim, a partir dessa discussão buscamos definir e teorizar a respeito da inter-relação entre *performance* e poesia. Nosso intuito será o de contribuir com as discussões a cerca do inter-relacionamento entre esses gêneros artísticos que ainda não se encontra sistematizado e definido, além de contribuir com a fortuna crítica dos poetas Manuel Bandeira e Paulo Leminski, bem como colaborar com a trajetória de pesquisadores e estudantes que buscam compreender a *performance* enquanto arte.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa está amparada em um viés teórico, trata da *performance* como gênero que flutua entre as fronteiras de outras linguagens artísticas, a exemplo de

poesia, música e pintura. Configuramos nosso estudo, visando discutir, analisar e sistematizar a inter-relação entre *performance* e poesia, a fim de entender como esses gêneros se inter-relacionam. Para isso, nos basearemos na teoria da inter-relação das artes, a partir da pintura e poesia em estudo proposto por Gotthold Ephraim Lessing (1998), e em conceitos mais modernos propostos por Claus Clüver (2006), que discute termos como intermedialidade, e Karl Erick Schollhammer (2002), que trata dos regimes que representam a modernidade. Discutimos ainda, a teoria dos atos de fala de John Austin (1990) e John Searle (2002), que é de viés linguístico, e a visão apresentada por Paul Zumthor (2007), que é de viés estético e artístico, visto que aproxima *performance* e poesia. Posteriormente, a partir de alguns poemas de Manuel Bandeira e Paulo Leminski, exemplificamos como a *performance* pode ser utilizada como recurso que está imbricado na estrutura do poema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente será realizada uma abordagem acerca do conceito de *performance*, uma vez que não tratando de seu sentido habitual, também não podemos nos desvincular completamente dele, já que *a priori* não há estudos que pontuam a *performance* como recurso que sugere um modo de leitura e escrita para o poema, por isso, a importância de um levantamento histórico, que parte de uma ideia vinculada aos rituais dionisíacos até culminar em uma experimentação da linguagem por meio das vanguardas artísticas: Futurismo, Dadaísmo, Surrealismo, a escola da Bauhaus às formas artísticas que vão se configurar na contemporaneidade, como *happening* e *body art*. Para isso, utilizaremos como base os pressupostos teóricos de Jorge Glusberg (2009), Renato Cohen (2004), Roselee Goldberg (2006), e Paul Zumthor (2007), que realizam uma ampla pesquisa sobre a *performance*, pontuando suas características, especificidades e intervenções artísticas.

Em um segundo momento, direcionaremos nosso estudo para discutir a inter-relação entre *performance* e poesia, a fim de posteriormente investigar como a *performance* pode sugerir um modo de leitura e de escrita, por meio de recursos que viabilizam a análise do poema a partir de um viés performático.

É importante esclarecer que não trataremos em nosso estudo da *performance* convencional, aquela que estamos habitados a ver, que é a representada/realizada a partir de uma forma relacionada ao gênero teatral, mas da *performance* dada como sugestão em um veículo/objeto de arte, como o poema. Este é mediado por um corpo, que não precisa ser necessariamente o de um *performer*, aquele que realiza a *performance*, mas que pode ser do autor, do poeta e até mesmo do leitor, já que a atuação ou a simples presença de um corpo produz uma dinâmica que pode realizar qualquer movimento, seja um gesto, ato, posicionamento, uma escrita, uma leitura etc., como explana Glusberg (2009, p. 99): “As expressões e os movimentos, as marcas corporais e as atitudes, se manifestam como verdadeiros signos na *performance*”.

Assim, entendemos o corpo como um instrumento disseminador de linguagem, mas a diferença em se expressar coloquialmente e de modo *performanciado* são aquilo que, na *performance*, as linguagens corporais trabalham artisticamente, não são cópias da realidade, pois têm uma finalidade que provém da arte, a de colaborar para o apuramento da sensibilidade estética do indivíduo bem como o seu desenvolvimento criativo.

O corpo em si não é uma mensagem, mas o que podemos produzir com ele é que é daí a ideia de que o homem pode constituir a própria obra de arte, a partir de uma expressão que emanaria de seu corpo. Sobre a importância do corpo na realização da *performance* Glusberg (2009, p.100) afirma: “As performances recuperam o corpo como veículo do fazer artístico: referimos-nos ao próprio corpo do artista, dado que a maior parte das performances tem como protagonista seus próprios criadores”.

Para discernir sobre essas questões inicialmente buscaremos respaldo na teoria de Austin (1990) e Searle (2002), teóricos que tratam a respeito de como os atos de fala produzidos pelo corpo, que é a matéria produtora de significante, podem ser *performáticos*, e a partir do estudo proposto por Zumthor (2007), que buscou uma conexão com a poesia e a *performance*, sem que isso pudesse ocasionar em sobreposição de linguagens.

Por fim, pretendemos direcionar nosso estudo para a poética de Paulo Leminski e Manuel Bandeira, e a partir de alguns poemas desses autores demonstrar como a *performance* pode ser um recurso sugerido na estrutura do

poema. No caso de Leminski, a partir de uma sugestão de escrita, entendendo que o poema sai de um universo simples de significações para se tornar um objeto inscrito em uma superfície que está além do plano material do papel, assim a palavra produz uma imagem que anuncia o ato *performático* da escrita o que consente o leitor “brincar” com as múltiplas significações que poema possibilita.

Já no caso de Bandeira, a partir de um modo de leitura estabelecido que está dado nas camadas textuais poéticas, podendo produzir um modelo de leitura que só é perceptível com a voz. A leitura é modelada a partir do uso de onomatopeias, aliterações, assonâncias, sons fricativos, repetições, variações entre sílabas, elementos que induzem a uma leitura de certo modo “pronta”, fazendo com que o poema ganhe corpo por meio da voz. Cabe ao leitor o papel de incorporar esses elementos à sua leitura, estes só poderão ser percebidos no momento em que tal exercício, o da leitura, é realizado. Destarte, a *performance* passa a ser o sentido norteador de nosso estudo, uma vez que é utilizada como recurso em alguns poemas dos autores citados.

CONCLUSÃO

Compreendendo a *performance* como um gênero artístico multifacetado que ao inter-relacionar-se com outras linguagens pode incorporar novos elementos, o que resulta num produto artístico completamente diferenciado, manifesta-se na poesia como recurso que não convém à sua forma convencional de representação/realização, mas de sugestão, como ocorre com alguns poemas de Manuel Bandeira, a exemplo de “Os sapos”, “Trem de ferro”, “Meninos carvoeiros” etc., e de Paulo Leminski, como “O inseto no papel insiste”, “Lua na água”, “da árvore” etc., assim a simples presença de um corpo que lê ou que escreve produz uma dinâmica que movimenta o poema e suscita uma ação. A *performance* enquanto recurso que está inter-relacionado com a poesia possibilita não só uma linguagem poética diferenciada, evidenciada aqui em Bandeira e Leminski pela leitura e escrita, como também insere um modo de leitura e escrita que culmina na recepção e compreensão de poesia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTIN, John. *Quando dizer é fazer: palavras e ações*. Tradução Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

CLÜVER, Claus. Inter textos/ inter artes/ inter media. In: *Aletria*: revista de estudos de literatura. Belo Horizonte: POSLIT, Faculdade de Letras da UFMG, 2006. p. 11-41. Disponível em: http://www.lettras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_txt/ale_14/ale14_ed.pdf.

COHEN, Renato. *Performance como linguagem*. São Paulo: perspectiva, 2002.

GLUSBERG, Jorge. *A Arte da performance*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

LESSING, G. E. *Laocoonte ou sobre as fronteiras da pintura e poesia*. Tradução Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 1998.

SEARLE, John. *Expressão e significado: estudos da teoria dos atos de fala*. Tradução: Ana Cecília G. A. de Camargo, Ana Luiza Marcondes Garcia. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GOLDBERG, Roselee. Futurismo. In: *A arte da performance: do futurismo ao presente*. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Regimes representativos da modernidade. In: *Léngua & meia: revista de literatura e diversidade cultural*. Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural da Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, n° 1, 2002. p. 20- 34. Disponível em: http://lequaemeia.uefs.br/1/1_001_apresenta.pdf.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. [trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich]. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.